

REFLEXÃO DIDÁTICA: CIDADANIA INDÍGENA APARATO DA LEI

11.645/08

Autor (1) Wellington Pereira da Silva; Co-autor (1) Eduardo do Nascimento Silva; Co-autor (2) Israel dos Santos Silva; Co-autor (3) Francileide Rodrigues dos Santos; Orientador (4) João Gonçalves Batista Bueno

Autor (1) Universidade Estadual da Paraíba, UEPB- CAMPUS III. E-mail: wellington.2014@live.com

Co-autor (1) Universidade Estadual da Paraíba, UEPB- CAMPUS III. E-mail: valis95@outlook.com

Co-autor (2) Universidade Estadual da Paraíba, UEPB- CAMPUS III. E-mail: israelsantos.iss@gmail.com

Co-autor (3) Universidade Estadual da Paraíba, UEPB- CAMPUS III. E-mail: francileiderodrigues015@gmail.com

Orientador (4) Universidade Estadual da Paraíba, UEPB- CAMPUS III. E-mail: joão.bueno6161@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho discute as problemáticas em torno dos povos nativos que habitaram e ainda habitam o território paraibano, analisando como o nativo foi posto ao duro processo de mudança de identidade, onde o mesmo deixa de ser denominado de nativo ou índio (este último termo foi dado pelos povos europeus no século XV) e é colocado na posição de cidadão pelas leis de cidadania, nesse sentido o nativo perde a sua liberdade original de ser o sujeito pertencente ao seu próprio território uma vez invadido pelos europeus. Tendo em vista esses problemas, nos propomos a trabalhar o processo histórico das lutas entre nativos e europeus do período da colonização até os tempos mais recentes buscando destacar as questões de identidade, aspectos culturais e a mudança no estilo de vida das populações nativas no Estado da Paraíba, e ainda expor como trabalhamos tais problemáticas em sala de aula no Ensino Médio buscando mostrar aos discentes o quanto foi duro e violento o processo de colonização na Paraíba e o porquê da nossa mentalidade ser tão afastada em relação aos povos nativos e que ao mesmo tempo são nossos antepassados, trazendo esta discussão para sala de aula, com o objetivo de demonstrar a realidade indígena na atual conjuntura política e social que o país vive, e levar o alunado da escola Monsenhor Emiliano de Cristo da cidade de Guarabira para conhecer, com as aulas lecionadas no período de 2017 e finalizando com uma visita

a aldeia São Francisco com o objetivos deles entenderem a perspectiva de visão de um nativo e não apenas o que foi discutido em sala de aula.

Palavras chaves: Povos nativos; Identidade; Cultura.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é o resultado do trabalho de pesquisa desenvolvido pelo projeto de Iniciação à docência (PIBID), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Além disso, faz parte do projeto que pretende integrar as investigações que são desenvolvidas pelos professores e pesquisadores que participam do grupo de pesquisa do CNPq “Rastros: História, Memória e Educação”, que tem como sede o Centro de Documentação e Apoio a Pesquisa em História da Educação (CDAPH) da USF. Este projeto foi aprovado pelo CNPq, no edital CNPq/ MCTI N° 25/2015 Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas.

A nossa proposta foi relatar as experiências que tivemos no desenvolvimento das atividades didáticas de formação de professores na Escola Monsenhor Emiliano de Cristo¹, na cidade de Guarabira- PB, durante o ano de 2017, abordando os dois semestres. Procuramos com este trabalho contribuir para o melhor desenvolvimento educacional com destaque para a disciplina de História. Neste contexto utilizamos da pesquisa e de conhecimento de mundo – por meio de entrevistas, leituras – desmistificar a ideia criada nos livros, trazendo o conhecimento para uma realidade vivida para o público-alvo, que neste caso seria as turmas do segundo ano do ensino médio.

As aulas foram divididas em algumas etapas que serão abordadas no decorrer do artigo, mas podemos dividir em três grandes momentos, a parte mais duradoura e com mais encontros foram as aulas presenciais na sala de aula, o lugar que mais temos acesso aos alunos e com a sua grande maioria, nela os bolsistas se dividiam para abordar temáticas diferentes a cada encontro, com os mais variados temas indo de cidadania para praticas culturais – como criação de artesanatos, lendas, jogos – dando uma amplitude a mais do que o livro didático traz – sendo no capítulo da descoberta do Brasil até sua independência, assunto programático do currículo da escola, da matéria e da série – nesta perspectiva levamos uma história de várias facetas a respeito do denominado índio, indígena, que antes da chegada do europeu eram os nativos da terra.

¹Este trabalho foi supervisionado pela professora de História da Escola Monsenhor Emiliano de Cristo, professora Severina Gomes.



O segundo momento realizado no projeto foi uma visita à Baía da Traição – PB, litoral da Paraíba, cidade indígena, com terras demarcadas com os alunos do segundo ano da escola Monsenhor Emiliano, a aula de campo foi na Aldeia São Francisco, para os alunos observarem a estrutura política e social de uma aldeia, e neste *tour* tivemos o acompanhamento do cacique, a figura política mais elevada na conjuntura política de uma aldeia, sendo compartilhadas histórias vividas por aquela determinada tribo e uma conversação de perguntas e respostas, os alunos conhecendo até palavras da língua materna deles.

O terceiro e último momento foi uma culminância desenvolvida com toda a escola numa amostra cultural dos projetos realizados na escola, sendo desenvolvido cartazes e trabalhos para exposição no teatro que foi aberto para comunidade local poder apreciar e vivenciar as memórias e criações dos alunos que frequentam a escola, numa tentativa de mostrar que na escola existem momentos agradáveis e que proporciona conhecimentos não apenas didáticos e também humanos.

Vemos apenas uma breve explanação do que o artigo vai conter, partindo do seu início no começo do ano contando sua trajetória até os resultados obtidos por este ano de estudo da causa indígena no Brasil.

DESENVOLVIMENTO

Partindo da lei 11.645/08 fizemos uma discussão da importância de se trabalhar com o ensino indígena com os alunos para que fosse possível a percepção de que as civilizações não estão só no passado como é retratada nos livros didáticos de forma folclórica. Nosso enfoque era promover a reflexão e percepção de que na contemporaneidade os índios estão presentes e merecem ser relevantes no meio cultural, meio esse em que vivemos.

Sendo assim em nosso primeiro momento, abordamos do imaginário que sempre temos quando pensamos no índio ou no termo de forma propriamente dita, onde sempre se tem uma perspectiva de atraso. Algo que é reforçado de forma midiática onde muitas vezes se oculta as riquezas culturais que temos presente e é posta como seres mitológicos que não existem na atualidade, mediante a isso Danielle Bastos Lopes (2010, p.48) nos faz perceber como isso funciona de forma mais perceptível:



O “índio genérico” é caracterizado por fazer canoas, falar tupi-guarani, viver em ocas, andar nu e comer mandioca, apesar de nem todos realizarem essas atividades e de toda a diversidade entre suas concepções do mundo ou da riqueza de seus sistemas de reciprocidade e das diferentes rotinas comunitárias. Atualmente muitos habitam regiões urbanas (incluindo grandes capitais como São Paulo e Brasília), zonas rurais e florestais e cada um desses povos possuem estruturas, histórias e vivências diferentes entre si. Mas se falamos de indígenas, a imagem predominante é a dos grupos que habitam o Território Indígena Xingu.

Percebe-se que a lei 11.645/08 tem um impacto significativo no ensino de História quando se volta para História indígena e da África, fazendo que seja possível revisar - construir a realidade que é vista no decorrer dos séculos e que não é ressaltada de forma “coerente”, como Danielle Bastos Lopes (2010, p.45) aponta:

[...] apesar dos livros didáticos de história geralmente, valorizarem uma nacionalidade que surge da diversidade, as contribuições dos índios e dos negros são quase sempre enfocadas no passado. O indígena será “selvagem e bravo” para ressaltar a coragem dos primeiros exploradores, preguiçoso e indolente no contexto da escravidão, e corajoso e inocente para a construção romantizada de uma identidade nacional mestiça.

Como podemos perceber por meio da observação de Lopes (2010) a forma como é posta os índios é numa visão dos colonizadores, vemos então o empenho e enfoque de se trabalhar junto com os princípios da lei já mencionada, como professores somos detentores de propagar a forma como os alunos veem os povos nativos do Brasil, então se queremos fazer essa mudança temos que aproveitar e saber nos valermos da devida providência tomada diante da lei, a qual torna:

“possível a construção de uma nova relação entre sociedade maior, e historicidade dos movimentos indígenas e movimentos negros, quando estes são vistos não apenas como vítimas, mas sujeitos sócio históricos, produtores de história, cultura e ciências.” (LOPES, 2010, p.57).

É difícil afirmarmos o pertencimento a uma etnia da qual discutimos no presente artigo, a respeito da identidade indígena, em meio a um processo de construção e colonização que iniciou de forma bruta e violenta diante de um território visivelmente habitado, onde muitos ainda acreditam, que de fato, o nosso País foi “descoberto” pelos europeus, partindo do pressuposto de que a história

do Brasil iniciou a partir dessa concepção eurocêntrica, onde é inclusive reproduzida em algumas ferramentas de pesquisas históricas.

É necessário destacar que, a colonização não se deu de forma pacífica e amigável. Colonizadores conquistaram cruelmente um espaço evidentemente ocupado, ignorando a cultura e tradições de um povo, proibindo o uso de sua língua de origem e tentando impor obrigatoriamente uma ideologia que para eles parecia ser a mais pura e correta, utilizando a força de trabalho dos indígenas através da escravização, para a obtenção rápida de riquezas procuradas nas novas terras, segundo Tânia Maria Andrade:

Os indígenas sempre tiveram uma relação harmônica com a natureza, baseada no respeito aos seres vivos e aos seres espirituais. O conhecimento cultural baseado na cosmologia, tinha como ponto de referência a manutenção de sua sobrevivência, sempre respeitando os elementos naturais como: as águas, o sol, a lua, a fauna e a reprodução dos animais e vegetais, pois sabiam como utilizar a natureza sem degradá-la. Essa sabedoria foi passada de geração para geração. (2012, p.17).

Atualmente os povos indígenas, ainda enfrentam uma série de preconceitos por parte uma sociedade que mal conhece a sua história e suas origens, e vivenciam uma série de lutas contra o governo em busca pela demarcação de territórios das terras indígenas e por conquistas de igualdade diante dos direitos sociais. Pois, é bastante comum possuímos os estereótipos de que os índios são seres selvagens, que não estudam, não trabalham e que não são capazes de ocupar cargos e lugares de prestígio social. Segundo Gersem (2006, p. 46)

A riqueza da diversidade sociocultural dos povos indígenas representa uma poderosa arma na defesa dos seus direitos e hoje alimenta o orgulho de pertencer a uma cultura própria e de ser brasileiro originário. A cultura indígena em nada se refere ao grau de interação com a sociedade nacional, mas com a maneira de ver e de se situar no mundo; com a forma de organizar a vida social, política, econômica e espiritual de cada povo. Neste sentido, cada povo tem uma cultura distinta da outra, porque se situa no mundo e se relaciona com ele de maneira própria.



Encerrando nosso momento de discussão referente a percepção dos índios, partimos para uma aproximação dos alunos com a cultural do índio, isso veio a partir da viagem mencionada anteriormente, isso possibilitou a experiência tanto dos alunos como alguns professores que foram nesse *tour de conhecimento*, o contato com a aldeia e o cacique propôs uma percepção do que havia sido discutido em sala. Possibilitou a aproximação de forma que fosse possível ressaltar a história local dos índios e a significação da região em que vive de forma a perceber que a história local é algo que faz com que tenham percepção do meio social em que estão inclusos.

Os artesanatos fizeram com que observassem em como somos influenciados nos artesanatos que são comercializados como pulseiras, colares e o tão conhecido filtro dos sonhos. As informações sobre a realidade de vida que os índios passam relatada pelo cacique possibilitou a clareza dos alunos mediante a importância que se tem de se trabalhar em sala de aula, assuntos que mostrem ele como seres atuantes da atualidade e não só como um ser folclórico que só é lembrado em datas comemorativas.

OBJETIVOS CONQUISTADOS

O contato com os alunos a respeito do tema da sociedade indígena foi com a tentativa em que Jaime Pinsky e Carla Bassanezi Pinsky diz em seu capítulo do livro “História na sala de aula” (2007) do organizador Leandro Karnal diz:

É necessário, portanto, que o ensino de História seja revalorizado e que os professores dessa disciplina se conscientizem de sua responsabilidade social perante os alunos, preocupando-se em ajudá-los a compreender e — esperamos — a melhorar o mundo em que vivem (PINSKY e PINSKY, 2007, p. 22).

Sendo que a visão da maioria dos alunos era uma visão preconceituosa – tendo ideais apenas pelo senso comum obtido no conhecimento de mundo deles – e o projeto tinha como ideal mostrar a singularidade dos nativos que viraram indígenas e as suas mais variadas formas de vida social e política, observando sua sociedade na teoria e prática, tentando obter a práxis.

Utilizamos da música como forma de mídia, uma intermedialidade (CLUVER, 2007) para mediatizar a luta da população indígena, em forma de protesto e não apenas como forma de entretenimento para o ouvinte (ADORNO, 2011) mas como forma de protesto e no vídeo² que foi

²Ver < www.youtube.com/watch?v=wbMzdkaMsd0 > acesso em 15 de nov. de 2017.



demonstraram seus conhecimentos em torno da natureza que as cercavam. Durante a aula mostramos algumas práticas esportivas oficiais dos Jogos Mundiais dos povos indígenas como Kaipy – o atleta deve acertar um alvo com arco e flecha, Jikunahati – futebol com uso da cabeça ao invés dos pés. Jawari – duas equipes disputam um jogo em que os atletas devem atingir o corpo dos adversários com dardos. Futebol, Corrida de fundo, Corrida de cem metros e Corrida com tora. Nesse sentido buscamos mostrar para os discentes como são realizadas as competições na realização dos jogos, e aplicamos em sala de aula algumas práticas esportivas de forma aleatória como descrevemos acima, como também exibindo uma foto de um(a) discente com uma réplica do arco flecha⁴.

Ainda nessa abordagem colocamos as problemáticas que giram em torno das populações nativas, atualmente os nativos são postos como uma “simples atração” para mostrar que o “Brasil preserva as suas raízes” e é símbolo da diversidade de povos, mas essa imagem implica numa lógica de pura propagação de simbologias de um mercado turístico que tenta chamar atenção das pessoas no Brasil e em outras partes do mundo.

Para finalizar o projeto sobre os povos nativos na Escola Monsenhor Emiliano de Cristo, foi acordado uma viagem para o município da Baía da Traição no litoral norte da Paraíba entre os bolsistas do PIBID e a professora supervisora Severina Gomes. Na oportunidade foi visitada a Aldeia São Francisco onde habitam os descendentes direto dos índios potiguara, durante a visita podemos conversar com o cacique da Aldeia que popularmente chamado de Seu Tonhô, o mesmo nos descreveu a situação atual das últimas populações indígenas na Paraíba como também contextualizou sobre o processo histórico das populações nativas, os problemas em torno da exploração e a perseguição para com os povos nativos, as questões étnicas e genéticas para sobrevivência dos povos indígenas. Observamos que houveram muitas modificações no modo de vida dos povos indígenas, os mesmos foram incorporados pelo sistema capitalista, suas terras foram tomadas pelas instituições governamentais e os grandes latifundiários e pelo comércio do turismo, encontramos alguns acessórios, como colares, pulseiras entre outros a venda na Aldeia. Abaixo segue algumas imagens da Aldeia São Francisco captadas durante a visita:

⁴Atividade realizada na turma do 2º Ano A na Escola Monsenhor Emiliano de Cristo

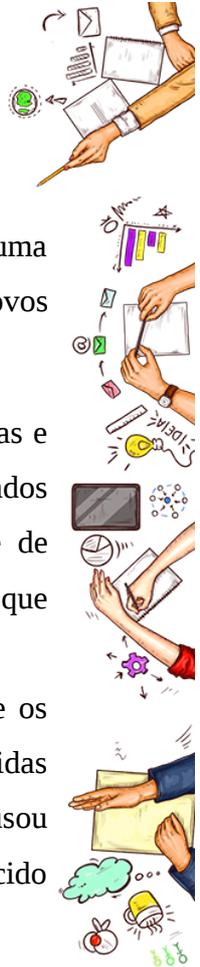


Foto da Aldeia São Francisco

Com a realização da aula de campo finalizamos o projeto avaliando o rendimento do aprendizado e da transmissão dos conteúdos depositos da disciplina. Nesse sentido buscamos destacar pontos importantes na história dos povos indígenas, seja no contexto local ou mais geral, mesclamos algumas abordagens para sintetizar de forma mais completa o estudo das sociedades nativas, relacionamos temas que proporcionam uma construção da criticidade nos discentes fazendo que os mesmos percebam os problemas que giram em torno do processo histórico étnico, político, econômico e racial no país que chamamos de Brasil atualmente e em outras partes do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da nossa discussão, podemos perceber o quanto é importante se trabalhar a História indígena dentro do âmbito que possibilite a percepção da diversa identidade cultural que nos cerca, sem mencionar que isso também possibilita um pertencimento e autoafirmação indenitária referente a respectiva compreensão de que somos um povo que fazemos parte desse mundo onde os índios lutam pelos seus direitos. Aborda temática relacionadas com os índios possibilita a quebra da mistificação que esses povos se viveram no passado e que só pode conhece-los por meio dos livros didáticos que como já vimos são postos que forma romantizada, causado um certo distanciamento das lutas indígenas que está sempre presente no país independente de regiões.



No entanto, o principal objetivo principal do projeto foi justamente desenvolver uma reflexão a cerca de todo um processo de colonização por parte dos europeus para com os povos indígenas, que até hoje deixam suas marcas visíveis.

Porém, é importante destacar que, através do projeto realizado e da troca de experiências e conhecimento que construímos entre bolsistas e alunos, que foram obtidos resultados, conquistados através do trabalho que vem sendo feito, estimulando assim, em nossos alunos a vontade de argumentar e criticar sobre determinadas situações históricas passadas e atuais, fazendo com que eles consigam observar determinados fatos com uma visão diferente.

Propomos por meio de tal dialogo, propagar a percepção aos alunos que as lutas que os índios seguem firme não é por mero acaso, mas sim que foi devido à grandes sequelas promovidas pela exploração tanto de mão de obra como também de terras, onde consequentemente causou grande jacina referente a diversa civilizações e costumes que se existia no nosso tão conhecido atualmente Brasil.

A lei que tanto já foi mencionada 11.645/08 nos mostra de forma reflexiva, o porquê de ser obrigatório o ensino indígena e Afro nas escolas? Se pararmos para tal reflexão conseguiremos sem muita dificuldade chegar a uma certa resposta, basta vermos um pouco os dias atuais e vermos o preconceito e racismo presentes seja para com o índio ou negro. Temos então partido dessa perspectiva que nos rodeia de forma a disseminar uma violência para com etnias e raças que desde de muitos séculos sofrem devido as influências europeias.

A small illustration on the left side of the page showing hands holding a document, with a lightbulb and a speech bubble nearby, symbolizing ideas and communication.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Introdução à sociologia da música**: doze preleções teóricas. Tradutor: Fernando R. de Moraes Barros. São Paulo: Unesp. 2011.

ANDRADE, M. T. **Povos Indígenas na Paraíba**. 1. Ed. João Pessoa: Grafset, 2012.

CLUVER, Claus. **Intermedialidade**. Pós: Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 8 – 23, nov. 2011.

DEMARCAÇÃO JÁ, disponível em < www.youtube.com/watch?v=wbMzdkaMsd0 > acesso em 15 de nov. de 2017.

GERSEM, Luciano. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos Indígenas**. Brasília: Mec, Unesco, 2006.

